

**CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE**
DE NOTÍCIAS &
NÃO NOTÍCIAS
FAZ-SE A CRÔNICA
HISTÓRIAS – DIÁLOGOS – DIVAGAÇÕES

POSFÁCIO

Eduardo Coelho

Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond
www.carlosdrummond.com.br

Grafia atualizada segundo o Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

warrakloureiro
sobre fotografia de David Drew Zingg/
Acervo Instituto Moreira Salles.

FOTO DO AUTOR

Fotografia de Carlos Drummond de Andrade
da p. 1: DR/Luisa Alphonsus, 1977.

ESTABELECIMENTO DE TEXTO

Ronald Polito

PREPARAÇÃO

Maria Fernanda Alvares

REVISÃO

Marina Nogueira
Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Andrade, Carlos Drummond de, 1902-1987.

De notícias & não notícias faz-se a crônica:
Histórias — diálogos — divagações / Carlos
Drummond de Andrade; posfácio Eduardo Coelho. —
1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ISBN 978-85-359-2348-3

I. Crônicas brasileiras I. Coelho, Eduardo. II. Título.

13-10510 CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

I. Crônicas: Literatura brasileira 869.93

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

NACIONAL

- 15 Brasileiro cem-milhões
- 17 Compre livro no táxi

INTERNACIONAL

- 23 Comprometido em Watergate

POLÍTICA

- 29 Inexplicável interesse em torno de um cidadão qualquer

EDITORIAL

- 37 O pai, hoje e amanhã

CIDADE

- 43 Viadutos
- 45 Vosso prospecto
- 47 O busto proibido
- 49 O delicado
- 51 Aconteceu alguma coisa
- 54 Solilóquio

COMPORTAMENTO

- 57 Recalcitrante
- 60 Dia de mentiroso
- 62 Continuando a mentir
- 64 Horóscopo
- 66 Quadro na parede
- 69 Moça na chuva
- 71 Entre palavras
- 73 Excelências
- 76 Modos de xingar
- 78 Receita

- 81 O outro
83 O verbo matar

GENTE

- 89 Serás ministro
92 Conversa de morango
94 Margarida
97 Diálogo imaginário

SOCIEDADE

- 103 O convidado agradece

MODA

- 109 A moda é muda
111 Umbigo
113 Nome de boutique

ARTES & LETRAS

- 117 Peça nova
119 Questão de idade
122 Viagem a Paris
125 Banco barroco
128 Boneca triste
131 Calça literária
133 Supersede
136 Conversa muito louca

CULTURA & ENSINO

- 141 Amor entre livros
144 Gravação
147 Da utilidade dos animais
150 Enciclopédia carioca

SAÚDE

- 159 Coração segundo
- 162 Oito em um

ECOLOGIA

- 167 Civilização
- 170 Peixe-boi
- 172 Barata
- 174 Outra barata
- 177 Poluição geral

MONTANHISMO

- 181 Duas mulheres

CONSUMO

- 189 Elefantex s.A.
- 192 Fama
- 194 Coisas de graça
- 196 A de sempre
- 198 Glória
- 201 Pesquisa

POLÍCIA

- 205 Esparadrapo
- 208 Ladrões no terraço
- 211 Comprar revista

ECONOMIA & MERCADO

- 215 Conversa alheia
- 218 Mulher na bolsa

CADERNO INFANTIL

223 Vamos brincar

CLASSIFICADOS

227 Cartas de estimação

237 Colecionadora

240 Viúva loura

FESTAS

245 Reforma das persianas

248 Auto brasileiro de Natal

257 Nota da edição

259 Posfácio

As cabriolas de Carlos Drummond de Andrade,

EDUARDO COELHO

271 Leituras recomendadas

272 Cronologia

NACIONAL

Telefonei para a maternidade indagando se havia nascido o bebê nº 100 000 000, e não souberam informar-me:

— De zero hora até este momento nasceram oito, mas nenhum foi etiquetado com esse número.

É uma falha do nosso registro civil: as crianças não recebem número ao nascer. Dão-lhes apenas um nome, às vezes surrealista, que as acompanhará por toda a vida como pesadelo, quando a numeração pura e simples viria garantir identidade insofismável, poupando ainda o vexame de carregar certos antropônimos. Centenas de milhares nascem João ou José, mas o homem ou a mulher 25786439 seria uma única pessoa viva, muito mais fácil de cadastrar no fichário do Imposto de Renda e nos dez mil outros fichários com que é policiada a nossa existência.

Passei por baixo do viaduto, onde costumam nascer filhos do vento, e reinava uma paz de latas enferrujadas e grama sem problemas. Ninguém nascera ali depois da meia-noite. O dia 21 de agosto, marcado para o advento do brasileiro cem-milhões, transcorria sem que sinal algum, na terra ou no ar, registrasse o acontecimento.

Costumo acreditar nos bancos, principalmente nos oficiais, e se o Banco Nacional da Habitação, através do Serfhou, garantiu que nessa segunda-feira o Brasil atingiria a cifra redonda de cem milhões de habitantes, é porque uma parturiente adrede orientada estaria de plantão para perfazer esse número.

Verdade seja que o IBGE, pelo Centro Brasileiro de Estudos Demográficos, julgou prematura a declaração, e só para o trimestre de outubro/dezembro nos promete o brasileiro em questão. Não ponho em dúvida sua autoridade técnica, mas um banco é um banco, ainda mais se agência governamental, e a esta hora deve ter recolhido nosso centésimo milionésimo compatriótico em berço especial da casa própria, botando-lhe à cabeceira um cofre de caderneta de poupança.

É que me custa admitir o nascimento desse garoto, ou garota, sem o amparo de nossas leis sociais, condenado a ser menos que número — uma dessas crianças mendicantes, que não conhecerão as almofadas da felicidade. Não queria que a televisão lhe desse um carnê e uma viagem à Grécia, nem era preciso que a *Manchete* lhe dedicasse dez páginas coloridas, sob o patrocínio do melhor leite em pó. Mas gostaria que viesse ao mundo com um mínimo de garantia contra as compulsões da miséria e da injustiça, e de algum modo representasse situação idêntica de milhões de outras crianças que recebessem — estou pedindo muito? — não somente o dom da vida, mas oportunidades de vivê-la.

Seria vaidade irrisória proclamar-se ele o 100 000 000º brasileiro, membro eufórico da geração dos cem milhões, e saber-se apenas mais um marginalizado, que só por artifício de média ganha sua fatia no bolo do Produto Nacional Bruto.

Não o desejo herói de monumento nem mártir anônimo. Prefiro vê-lo como um ser capaz de fazer alguma coisa de normal numa sociedade razoavelmente suportável, em que a vida não seja obrigação estúpida, sem pausa para fruir a graça das coisas naturais e o que lhes acrescentou a imaginação humana.

Olho para esse brasileiro cem-milhões, nascido ontem ou por nascer daqui a algumas semanas, como se ele fosse meu neto... bisneto, talvez. Pois quando me dei conta de mim, isso aí era um país de vinte milhões de pessoas, diluídas num território quase só mistério, que aos poucos se foi desbravando, mantendo ainda bolsões de sombra. Vi crescer a terra e lutarem os homens, entre desajustes e sofrimentos. Os maiores que dirigiam o processo lá se foram todos. Vieram outros e outros, e encontro nesta geração o novo rosto da vida, que se interroga. Há muita ingenuidade, também muita coragem, e os problemas se multiplicaram com o crescimento desordenado. Somos mais ricos... e também mais pobres.

Meu querido e desconhecido irmão nº 100 000 000, onde quer que estejas nascendo, fica de olho no futuro, presta atenção nas coisas para que não façam de ti subproduto de consumo, e boa viagem pelo século XXI adentro.

Enquanto no Rio os motoristas de praça ainda cuidam de adaptar os taxímetros à nova tabela periódica de preços, os seus colegas de São Paulo já vão de primeira na corrida cultural, uma corrida diferente de qualquer outra. Junto à direção, os carros ostentam pequena e variada coleção de livros. Novidade de uma empresa de transportes coletivos.

— O senhor gosta de ler tanto assim nas horas de folga?
— pergunta o passageiro, que nunca vira livro algum em táxi, salvo aquele que alguém esquecera, de propósito, para livrar-se de um poeta-processo.

— Gostar eu gosto, doutor, mas é que nunca tenho folga.

— Então por que carrega esses livros todos no carro?

— Para vender. O doutor já leu *Bar Don Juan*, do Antonio Callado? É o quente.

— Li logo que saiu, há tempos. Por sinal que...

— Agora está em segunda edição, e quem lê gosta, confere e comenta. E *Milho pra galinha*, *Mariquinha*, daquela moça Marisa Raja Gabaglia, sabe que o livrinho é uma graça? Pois é. Agora, se o doutor quer saber, *Aonde vamos?*

— Eu sei, vamos para o Alto de Pinheiros, como eu lhe disse.

— Não é isso. *Aonde vamos?*, que eu disse, é uma novidade, olhe aqui. Do cientista Hannes Alfvén e sua mulher, uns suecos que estudam a sério os problemas, e saem com umas perguntas e umas respostas que obrigam a gente a parar pra pensar. Espie só os assuntos: a idade do computador, a explosão demográfica, os incompetentes no poder, o direito do homem se multiplicar, e tal e coisa. Agora, se o doutor quer saber o que se passa no Peru, tem aqui esse volume do Arnaldo Pedroso d’Horta, que é tão bom no desenho como nos estudos políticos, conhece?

— Conheço e admiro. Mas me diga uma coisa: os passageiros costumam comprar?

— Primeiro se espantam, como o doutor, depois compram. Até me encomendam livros. São fregueses conhecidos, que não têm tempo (eles dizem que não têm) de passar nas livrarias. Uns compram pela primeira vez na vida, não é mentira não. O livro fica tão perto do nariz deles, no carrinho, que resolvem experimentar.

— Moça compra?

— Não posso me queixar das moças. Garotões, nem por isso.

— E que é que elas preferem?

— Dá muito psicologia, ciências sociais, comunicação, essas coisas. Os velhos é que...

— Que é que têm os velhos?

— Estão cada vez mais impossíveis. Acham que eu devia botar aqui aqueles livrecos marotos, sabe como é? Aquelas revistas de sobrecapa de plástico, que eles não têm coragem de pedir ao jornaleiro. Há um que não cansa de perguntar, quando entra no carro: “Como é, já me arranjou aquela edição do *Elixir do pajé*, de Bernardo Guimarães?”. Deve ser alguma receita de remédio para a faixa dos setenta, sei lá, nunca li.

— Ou senão, trata-se de um bibliófilo.

— Biblio o quê? Pode ser. Mas caso sério foi com o assaltante.

— Carregou com os livros?

— Pior. Queria rasgar tudo, só porque eu não tinha o *Manual do perfeito assaltante*, que ele garantia que saiu este ano nos Estados Unidos e já foi traduzido.

— E daí?

— Daí, que ele exigia o livro com a pistola na minha nuca, e eu explicava a ele que não sabia da existência do manual americano nem da tradução. Não saiu nada no jornal, como é que eu podia vender uma coisa dessas, além do mais um livro pouco... pouco tranquilizante, né?

— E ele?

— Pela cara que eu via no retrovisor, e pelo frio da arma, não gostou da explicação. Me disse que era o tradutor da obra, e que ela só podia mesmo ser vendida em táxi, ora o doutor já viu? Sai um cristão promovendo a cultura do país, e metem-lhe um cano no pescoço, pra ele fazer a divulgação de uma barbidade dessas.

— E como foi que o senhor saiu da situação?

— Quem saiu foi ele. Me virei pra trás e disse assim: “Olha aqui, meu distinto, se quer atirar, atira logo de uma vez, que eu não estou aqui pra aturar tradutores de livros desse tipo. Ou bem que você é tradutor ou bem que é assaltante. Anda lá, não empata!”. Ele não esperava essa, nisso o carro bateu num poste, batidinha leve, mas ele sentiu que a barra estava ficando pesada e deu no pé. No que eu nasci de novo e nunca mais vi o tipo. O doutor acredita mesmo que saiu esse livro, ou é lelequice dele?

Como chegassem ao fim da corrida, o motorista arrematou:

— Se permite, este livrinho aqui o doutor vai levar. Só oito cruzeiros, uns versinhos sem pretensão mas com muita alma, que andei rabiscando nas horas de folga. Como é o nome do doutor? Para o autógrafo.

INTERNACIONAL

COMPROMETIDO EM WATERGATE

Acordo assustado. Telefone tocando a essa hora.

— Mr. Drummond? *I beg your pardon*. Da parte de Mr. Sirica. Mr. Sirica deseja conversar com senhor *about* caso Watergate. Pode tomar avião para Washington *immediately*?

— Como? Watergate? Que tenho eu com isso?

— Venha, Mr. Drummond. Aqui explicaremos tudo. Necessária sua presença.

— Não vou coisa nenhuma. Que é que o senhor está pensando?

— *Sorry*, Mr. Drummond. Eu não penso. Cumpro ordens. Seu nome envolvido no processo. Depoimento de Mr. Dean III muito comprometedor.

— Escute aqui, ó seu. Brincadeira tem hora.

— Não estou brincando. Os papéis. O cofre.

— Que cofre? Que papéis? Não conheço nenhum Mr. Dean III nem II nem I.

— Mr. Dean entregou papéis para senhor guardar no cofre em Brasil.

— Ele estava bêbado quando disse isto.

— Mr. Hugh Sloan Jr. admite ter entregue cinquenta mil dólares a Mr. Dean para enviar papéis a South America.

— Eu não sou South America, até prova em contrário.

— Mais precisamente: a Mr. Drummond, em país de South America.

— Não sou o único desse sobrenome na América do Sul.

— Acontece que dinheiro foi entregue a Mr. John Brandon, amigo íntimo de Mr. Drummond, juntamente com papéis *top secret*.

— Realmente, sou amigo muito chegado de João Brandão, mas ele não me deu nem papéis nem dólares de espécie alguma.

— Mr. Brandon procurado pela CIA, ainda não encontrado.

— Puderá. Ele nunca é encontrado em casa, na rua ou no trabalho.

— Mr. Brandon vive em estação espacial, *perhaps?*

— Não senhor. Vive por aí, como elfo.

— Elfo? Que bicho é esse?

— Ente fantástico, identificado com os poderes do ar, do fogo, da terra.

— Interessante. Um superespião, *I suppose?*

— Nada disso. Um ser inofensivo.

— Sinto dizer que esse ser inofensivo e aéreo recebeu cinquenta mil dólares do Tesouro americano, e meio quilo de papéis sigilosos, para entregar a Mr. Drummond.

— E há prova de que recebi uma coisa e outra?

— Sim, há prova. Mr. Herbert Porter, que trabalhava no Departamento de Comunicações de White House, confessou ter em seu poder telex de Mr. Drummond a Mr. Dean III acusando recebimento da manteiga. Em código.

— Nunca em minha longa vida passei telex para indivíduo que se chamasse Herbert Porter.

— Claro. Mr. Porter, em código, chamava-se Sugarmelon.

— Melão Doce? Vê lá se eu ia me corresponder com um indivíduo chamado Melão Doce. Dou-me ao respeito.

— Não é só, Mr. Drummond. Também Mr. Kissinger...

— Não vá botar o dr. Kissinger nesta embrulhada.

— A questão é que ele já está. Mr. Kissinger fez esforços desesperados para recolher ao seu gabinete o arquivo de Mr. Porter.

— E daí?

— Mr. Porter fugiu com arquivo, mas este foi apreendido por mandado de Mr. Sirica. Wandering Jew, codinome de Mr. Kissinger, aparece várias vezes na ementa de papéis remetidos por Mr. Dean III a Mr. Drummond.

— Falta só dizer que o dr. Kissinger me transmitiu apelo do presidente Nixon para eu guardar a sete chaves os papéis e queimá-los em emergência grave, pois não?

— *Exactly*. Este apelo existe. Senhor acaba de confessar que está implicado até raiz de cabelos em caso Watergate.

— E o presidente Nixon também, né?

— Lamento informar que *Mr. President* foi convidado a depor na próxima semana. Só o senhor não quer vir? Venha, Mr. Drummond. *Please*, me dê telefones de Mr. Fernando Sabino e Mr. Davi Neves, também sob suspeitas. Estiveram em New York passado abril e almoçaram com Mr. Gordon Stracham, conversa gravada. Aliás, nossa conversa agora também gravada. Mr. Sirica dará imunidades todos três para depor a salvo qualquer ameaça. *Good night*, Mr. Drummond.

Pelo sim pelo não, estou tirando meu passaporte. Mr. Sabino e Mr. Neves, talvez inventores de todo este rocambole, que se cuidem. Se as malhas do processo chegaram até a nós, não dou um dólar furado pelo segundo mandato de Mr. Nixon.